

A RAPOSA NA COZINHA

Uma família salva a pequena raposa –
ou seria o contrário?

Por AVRIL JOHANNES

Quando minha filha Jan estava com 12 anos, a família recebeu notícias devastadoras. Jan tinha um tumor maligno e teria de amputar a perna. Ela se submeteu a uma cirurgia e a longos meses de reabilitação.

Como qualquer mãe, eu me preocupava com o estado emocional de minha filha. Então, certa noite no hospital, tendo perdido o sono, Jan me surpreendeu com a pergunta: "Mãe, você se lembra de Vicky?"

NOSSA FAMÍLIA morava numa fazenda, numa região madeireira no Alasca. A vida selvagem naquela sossegada zona rural era muito rica. Numa noite de inverno, enquanto dávamos uma volta, meu marido – Joe – e eu ouvimos um ganido distante.

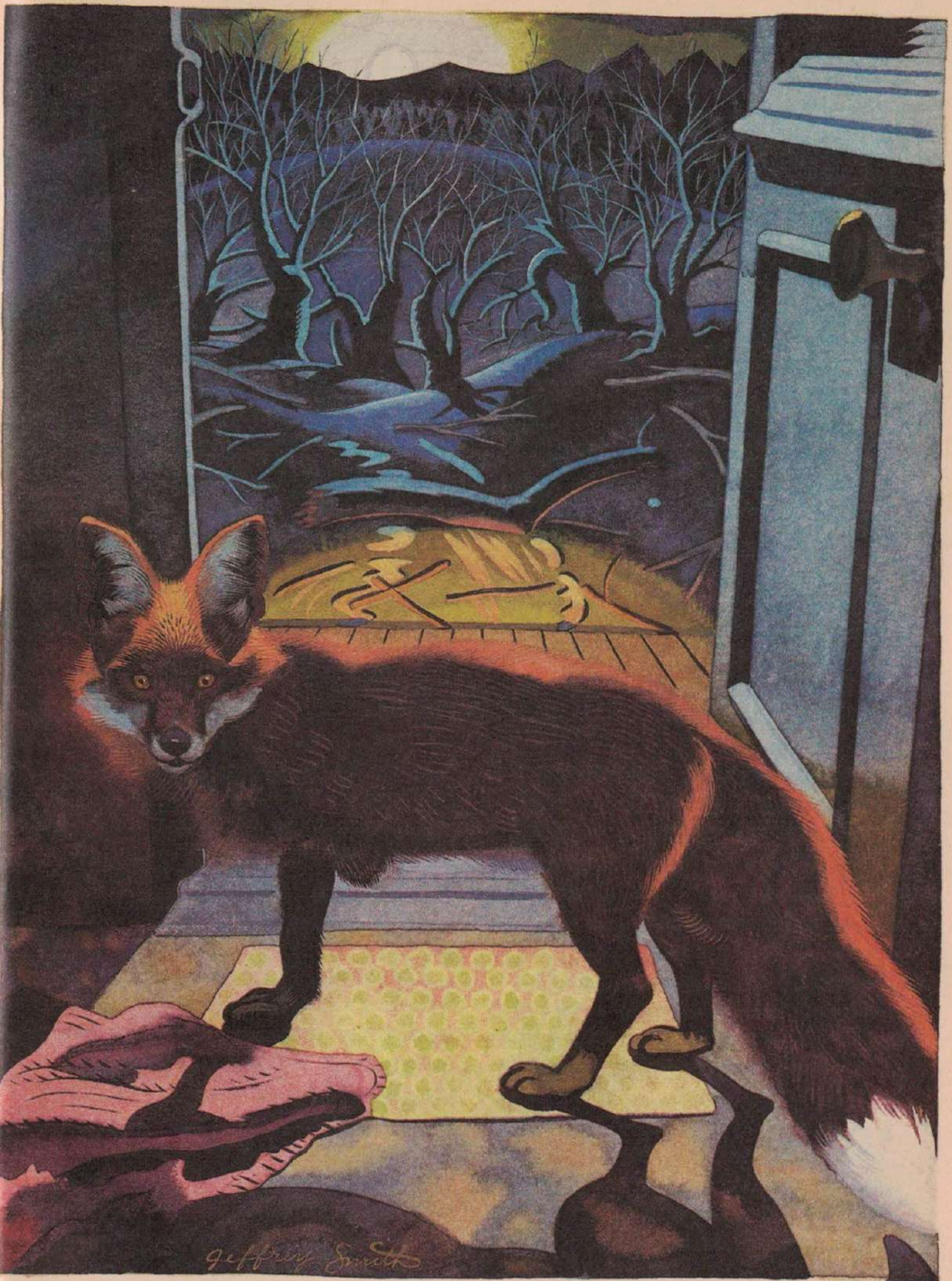
Uma jovem raposa, da cor das fo-

lhas de bordo no outono contrastando com a neve, debatia-se, apanhada numa armadilha ilegal. Arqueando as costas para dar um salto no ar, chocava-se violentamente contra o solo e desabava.

– Olhe aquela pata – disse Joe. – Está toda machucada.

Tirando o casaco, colocou-o cuidadosamente sobre o animal. Soltei a pata dilacerada da armadilha, esperando que a raposa investisse para me morder. Mas, sob o casaco de Joe, ela não reagiu. Seus olhos amarelos, brilhantes de dor e medo, fitavam-nos sem piscar. No caminho de volta para casa, demos à raposinha o nome de *Vicky*.

Na qualidade de auxiliar de veterinário, com experiência em criação de animais, eu estava habilitada a cuidar de animais selvagens feridos. Quando trouxemos *Vicky* para a co-



zinha, ela foi observada por duas corujas com as patas congeladas, suspensas por tipóias no interior das gaiolas. Uma águia com a asa quebrada, empoleirada no encosto de um banco, não a perdia de vista. Um visom engaiolado, que havíamos encontrado quase morto de frio, enfiou o focinho pela grade e sibilou, enquanto o gato da família, com os pêlos eriçados, vigiava cautelosamente a recém-chegada.

Joe sentou-se à mesa segurando com firmeza a cabeça de *Vicky*, enquanto eu me preparava para dar um jeito naquela pata. Nossos três filhos vieram ver.

– Tente não machucar a raposa – sussurrou Jan, 7 anos, a cabecinha loura inclinada, bem junto ao frágil animal.

Joe a anestesiou utilizando chumaços de algodão embebidos em éter. Assim que *Vicky* apagou, limpei e desinfetei o ferimento. Removi os fragmentos de osso com pinças e cortei os pêlos ao redor para expor os ossos estilhaçados.

Havia quatro fraturas ao todo. Combinei os ossos o mais próximo possível, enquanto Joe monitorava os batimentos cardíacos de *Vicky*. Finalmente, fixando os ossos no lugar com linha de sutura, costurei a pele, enfaixei toda a pata e preendi uma tala com esparadrapo.

Horas depois da “cirurgia”, os olhos de *Vicky* se abriram. Ela ergueu a cabeça para olhar à sua volta, mas não fez menção de se levantar. Para garantir sua privacidade, cobri

a gaiola com um cobertor e deixei a porta entreaberta.

Passos na noite. Na manhã seguinte, encontrei *Vicky* deitada de lado, respirando compassadamente. Para meu espanto, a cabeça descansava num tapete fofo cor-de-rosa que, em algum momento durante a noite, ela havia conseguido puxar da sala para dentro da gaiola.

Na manhã do terceiro dia, entretanto, deparei com um sério problema. Durante a noite *Vicky* tentara retirar a tala com os dentes. Agora estava imobilizada, pois uma ponta de osso quebrado se enganchara no piso da gaiola. O membro estilhaçado e infeccionado não tinha mais conserto. Não havia escolha – mais tarde, naquele mesmo dia, amputei a pata de *Vicky*.

Passaram-se longas horas de ansiedade até que a raposinha se mexesse. Várias vezes, com a ajuda de uma toalha, espremi água fresca em sua boca. Joe e eu nos revezamos ao seu lado no restante daquele dia e durante toda a noite. Jan e os irmãos, Mark e Scott, só saíam de perto dela para comer ou ir ao banheiro.

Entretanto, em alguns dias, *Vicky* começou a se alimentar, beber água e se mostrar mais alerta. Notei que mantinha os olhos fixos na sala. Então entendi o que queria: o tapete cor-de-rosa que eu tinha tirado de sua gaiola para lavar. Quando o empurrei para mais perto, *Vicky* enfiou o focinho entre as barras e o puxou.

Decidimos abrir a porta da gaiola

novamente e dar-lhe livre acesso à casa. *Vicky* se ergueu, perdeu o equilíbrio, caiu e tentou de novo.

– Ah, mãe – sussurrou Jan. – Ela é tão corajosa. Continua tentando.

Meu coração se condoía. Depois de mais algumas tentativas, *Vicky* conseguiu ficar de pé. Da segurança de sua gaiola, deu uma olhada pela sala, mas não demonstrou vontade de andar. No entanto, naquela mesma noite, mais tarde, despertei com seus passos suaves no chão de nosso quarto. Um focinho frio roçou minha mão. Depois a escutei andar pelo corredor em direção ao quarto das crianças.

Em pouco tempo a gaiola parecia ter se tornado sua toca, o lugar para onde retornava em busca de segurança. Limpava-se lá e enterrava comida sob o tapete cor-de-rosa. Sem dúvida nenhuma, considerava o tapete sua propriedade. Às vezes, quando ia dormir atrás da tela da lareira, *Vicky* o levava com ela. Tudo que conseguíamos vislumbrar era um lampejo cor-de-rosa.

Depois ela passou a circular com liberdade, fugindo quando nos aproximávamos muito. Acercando-se sorrateiramente de seu brinquedo predileto, uma velha luva, dava o bote, atirava-a para o alto e a apanhava no ar. Então uma noite, fascinada, observei-a caminhar silencio-

samente até a porta, colar o focinho numa fresta e farejar o ar exterior.

Chamado da natureza. Mais de sete semanas já se haviam passado. Como a época de acasalamento não tardaria mais do que alguns meses, *Vicky* precisava de liberdade para encontrar um companheiro e uma toca. Mas, antes que fosse reintroduzida em seu ambiente, Joe e eu queríamos saber se conseguiria caçar o próprio alimento. Numa noite Joe soltou na

cozinha uma galinha a ser sacrificada. *Vicky* nem se mexeu. Fui para a cama, desapontada. Entretanto, de manhã *Vicky* estava deitada na gaiola, a galinha parcialmente devorada formando uma protuberância sob o tapete cor-de-rosa.

Agora sua inquietação aumentava dia após

dia. Durante a noite caminhava de um lado para o outro pela casa e olhava pela janela. À luz do dia, rastros de raposas, arminhos e lebres nos revelavam o que presenciara.

Não havia mais desculpas. Não tinha dito a nossos filhos que animais selvagens jamais deveriam ser criados como animais de estimação? Embora desejasse que *Vicky* tivesse a vida para a qual nascera, odiava a idéia de me separar dela.

Por fim decidimos que ela deveria ir. Apreensiva, abri devagar a porta, certa de que ela sairia correndo e de-

*Naquela noite,
ouvi passos suaves
no chão do quarto.
Um focinho frio
roçou minha mão.*

sapareceria. Em vez disso, ficou parada no vão da porta; depois, voltou para a gaiola e se enrolou no tapete.

– Está vendo só, mamãe? – comentou Scott. – Ela não quer ir embora.

Na noite seguinte tornei a abrir a porta. *Vicky* se apressou para olhar. Farejou o ar noturno, interpretando tudo que ele trazia. E mais uma vez voltou à gaiola.

Cinco noites depois nossa raposa finalmente se aventurou lá fora e desapareceu entre as árvores. Divididos entre a felicidade e a tristeza, Joe e eu deixamos a gaiola do lado de fora, para o caso de ela voltar durante a noite. Jan e os irmãos nos seguiram, carregando o tapete cor-de-rosa de *Vicky*, a luva e os ossos prediletos, além de restos de comida.

Na manhã seguinte, ansiosos, fomos examinar a gaiola. Parte da comida havia sido consumida. O restante estava escondido sob o tapete. Na neve viam-se as pegadas triplas características de *Vicky*.

Por três semanas, *Vicky* retornou todas as noites para comer o ovo que deixávamos para ela. A luva e os ossos, levou-os embora, um a um. Um dia encontramos escondido na gaiola um galo silvestre morto recentemente. Jan se voltou para mim e disse:

– Ela vai conseguir, mamãe.

Na noite seguinte, *Vicky* levou o tapete cor-de-rosa. Embora soubés-

semos que estava por perto, foi essa a última vez que retornou à gaiola.

Em junho tivemos de nos mudar. No dia em que partimos, *Vicky* ficou nos observando, sentada no alto de um monte. Parecia saudável, embora a pelagem de verão lhe desse uma aparência desgrenhada.

– *Vicky* – disse eu, parando para um adeus final –, cuide-se bem.

Ela deu dois latidos agudos – a única vez que a ouvi ladrar – e então, num piscar de olhos, correu para a vida que lhe havia sido destinada.

Jan e eu conversamos longamente sobre Vicky naquela noite no hospital. Seus olhos azuis flutuavam em lágrimas contidas.

– Sabe, mãe – disse ela –, não vou deixar que nada me impeça de fazer tudo que desejo na vida.

Meu coração estremeceu. O que Jan dissera certo dia a respeito de Vicky, eu me vi pensando sobre minha corajosa filha: ela vai conseguir. E assim foi. Hoje Jan está casada e é mãe, em tempo integral, de dois garotinhos.

Quanto a Vicky, gosto de pensar que encontrou um companheiro e criou seus filhotes. Muitas vezes visualizei suas inconfundíveis pegadas na neve. E muitas vezes fiquei pensando se sua vinda não foi proposital, a fim de nos mostrar como lidar com as adversidades e alegrias da vida.

Em meu coração, eu sei a resposta.

A vida é uma escola na qual nunca nos diplomamos.

–NINA YOMEROWSKA, *Pensamientos (Frente de Afiración Hispanista, México)*